

**O ENSINO DO GÊNERO TEXTUAL
NA ABORDAGEM SOCIOINTERACIONISTA
A PARTIR DA REESCRITA DO GÊNERO CONTO
NA 4ª ETAPA DA EJA**

Ana Cristina de Araújo Negrão (UFPA/UNIFESSPA)
ac.damasceno2010@gmail.com

Simone Cristina Mendonça (UNIFESSPA/UNICAMP)

RESUMO

O projeto de pesquisa ora apresentado visa fazer um estudo sobre o uso dos gêneros textuais no ensino de língua materna em uma turma da 4ª etapa da EJA de uma escola municipal e em seguida trabalhar na elaboração de um projeto de ensino que promova atividades que contemplem a produção textual a partir da reescrita do gênero conto. O objetivo principal dessa pesquisa é criar um espaço de investigação e análise sobre o uso dos gêneros textuais no espaço escolar que possa contribuir com os educandos na apropriação do registro formal da língua materna por meio da composição de um gênero textual. Para o trabalho com a produção textual, fiz a opção pela reescrita por perceber que essa atividade vai além da revisão, pois enquanto a revisão focaliza apenas os aspectos gramaticais, a reescrita modifica, corta palavras e organiza períodos e parágrafos, com o intuito de dar cientificidade a este trabalho, a vertente que pretendo seguir será dentro da noção bakhitniana interacional/dialógica da língua como o lugar de interação somado ao interacionismo sociodiscursivo de Bronckart tendo como apoio para o desenvolvimento do projeto de ensino a prática de sequências didáticas de Shenewly e Dolz entre outros autores da linguística e da literatura. As produções finais dos alunos tendem a fazer parte do blog, criado por eles mesmo no decorrer da implementação do respectivo projeto.

Palavra chave: Gêneros textuais. Produção escrita. Sequência didática. EJA

1. Introdução

Um dos maiores desafios que se observa entre os alunos da Educação de Jovens e adultos recai sobre a sua dificuldade no que diz respeito ao desenvolvimento da prática de leitor e produtor de texto. Quando o assunto é produção textual, percebe-se de imediato a dificuldade que os alunos apresentam em construir um texto escrito. A impressão que se tem é que o aluno não consegue perceber que ele, como usuário da língua, a todo o momento produz texto, pois de acordo com Marcuschi (2010) a comunicação verbal só acontece por meio de algum texto.

A fim de facilitar este entendimento aos educandos, temos entre as diversas teorias para o ensino da linguagem, a teoria dos gêneros tex-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

tuais. Conforme os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 2000), é imprescindível o uso dos gêneros nas aulas de língua materna, devido ao fato de os mesmos serem encontrados diariamente na vida de cada usuário de língua, com características totalmente sociocomunicativas. Somado a isso existem inúmeros textos literários que podem contribuir para que os alunos soltem sua imaginação e construam belíssimos textos a partir da leitura contínua de diversos gêneros da literatura.

De acordo com Lajolo (1994, p. 105) a “literatura constitui modalidade privilegiada de leitura em que a liberdade e o prazer são virtualmente ilimitados”. Isso porque a “literatura é a invenção, a criação de uma realidade própria por meio de um processo natural de elaboração estética do texto” (MEGALE, 1974, p. 2). Portanto quando o aluno tem desenvolvida a prática de leitura de textos literários na escola, ou seja, faz uso desse tipo de gênero em seu contexto de aprendizagem, ele tem grande possibilidade de saber produzir, reelaborar, dar sentido àquilo que parece não ter, isto é, a produção escrita, por exemplo.

Se já existe toda uma aplicabilidade dos gêneros nas escolas, como estão sendo usados esses procedimentos de forma a facilitar o desenvolvimento das competências e habilidades de escrita dos alunos? O que pode e deve ser alterado para que essa prática didático-pedagógica se constitua em um processo que desenvolva a capacidade linguagem de nosso aluno, dando-lhe segurança para que interaja adequadamente nas mais variadas situações sociais de sua vida? Se há alguma dificuldade no trabalho com os gêneros, o que fazer? Como contribuir?

Mediante isso, sentiu-se a necessidade de fazer uma pesquisa ação sobre o ensino dos gêneros textuais a partir da concepção de linguagem sociointeracionista em uma turma de Educação de Jovens e Adultos da 4ª etapa da escola municipal de ensino fundamental "Rosália Correia" e em seguida trabalhar um projeto de ensino com a referida turma com atividades que focalizem a reescrita do gênero conto, com objetivo de contribuir para o entendimento do aluno sobre a função social do gênero textual no meio em que vive e na sociedade de um modo geral, na composição desse gênero e na ampliação de suas práticas de letramento. Tudo isso com a finalidade de proporcionar a esses educandos a apropriação do registro formal da língua materna por meio dos gêneros textuais.

O projeto de pesquisa ação acima citado faz parte de uma das atividades propostas pelo curso de mestrado profissional em letras (PRO-FLETRAS) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará e será

apresentado neste artigo com objetivo de socializar com um público de interesse um trabalho que se propõe a contribuir com o desenvolvimento das capacidades de linguagem dos educandos de forma a terem domínio sobre as diversas situações de uso da língua.

2. Contribuições do projeto: justificativa

A ideia de se trabalhar a produção textual a partir do gênero conto dentro da abordagem sociointeracionista nasceu da necessidade de se criar um espaço na escola para que os alunos possam, além, de compreender a escola como um lugar de interação verbal, compreender também, que o ato de interagir com o outro culmina na produção de diversos gêneros textuais. De acordo com Marcuschi (2010, p. 22) é impossível se comunicar a não ser por meio de um gênero, da mesma maneira que se torna impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto. Desta forma, ele afirma: “que a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual”. A fim de esclarecer a noção de gênero textual, o autor assim o descreve:

Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição características. (...) alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horoscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante. (MARCUSCHI, 2010, p. 23)

Com isso ele adota uma posição semelhante à de autores como Bakhtin (1997) e Bronckart (1999) que tratam a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos dentro de uma visão de língua como atividade social, histórica e cognitiva, privilegiando sua natureza funcional e interativa.

No que diz respeito à produção de texto escrito, podemos observar que o texto escrito vai estar presente de forma constante nas mais variadas atividades pessoais, no trabalho, na família, na escola, na vida social de um modo geral, sempre com um propósito final. Antunes (2003) reforça esse ponto de vista quando afirma:

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

Toda escrita responde a um propósito funcional qualquer, isto é, possibilita a realização de alguma atividade sociocomunicativa entre as pessoas e está inevitavelmente em relação com os diversos contextos sociais em que essas pessoas atuam. Pela escrita alguém informa, avisa, adverte, anuncia, descreve, explica, comenta, opina, argumenta, instrui, resume, documenta, faz literatura, organiza, registra e divulga o conhecimento produzido pelo grupo. (ANTUNES, 2003, p. 48)

Quando pensamos no trabalho de produção textual escrita com os alunos, optamos por desenvolver um projeto a partir da reescrita de um texto literário, o conto, por acreditar que essa é uma atividade imprescindível no aprendizado da produção escrita, uma vez que a reescrita é uma produção com apoio que se torna uma versão pessoal de um texto base. O que se pretende com essa atividade é obter a clareza e a transparência de sentido no texto que o aluno produziu. O mais interessante nessa atividade é que ela vai muito além de uma simples revisão. Enquanto a revisão focaliza problemas gramaticais, a reescrita modifica, corta palavras, reorganiza os períodos, os parágrafos. Tudo isso com intuito de fazer com que o texto atinja os objetivos a que se propôs.

Além disso, o fato de o aluno trabalhar na reescrita de um texto fonte, pode levá-lo a transformar gêneros, estilos, e com isso fazer uma ponte entre o que se escreve na escola e fora dela. Com isso é possível mostrar ao aluno que produzir textos é uma forma de interagir socialmente, e socialmente, segundo Antunes (2003, p. 48), não existe a escrita “para nada”, “para não dizer”. Nesta concepção que pretendemos trabalhar, os atores são concebidos como atores sociais, em cuja produção textual, o sujeito se articula com o mundo e emite seu ponto de vista, a partir de uma formação discursiva, construindo o novo, mesmo se apropriando de velhas formas e velhos conteúdos. (GERALDI, 1997, p. 136).

Optamos pela reescrita de um texto literário, porque a literatura é uma arte que explora a realidade e proporciona uma visão da condição humana que segundo Bellodi e Gonçalves (2005), pautadas em postulados aristotélicos, não pode ser representada por nenhum outro saber. Conforme as autoras:

Isso tudo acontece porque a literatura, ao contrário da História, que relata o ocorrido volta-se “para o que poderia ter ocorrido”, propiciando assim uma exploração específica e profunda da realidade, já que transcende o seu aspecto factual e, no plano das virtualidades, amplia os limites da experiência humana. Mas se ao poeta não cabe descrever o fato real da história, cabe-lhe, entretanto, a obrigação da verossimilhança. Isto é expresso na fórmula aristotélica segunda a qual é preferível o impossível crível ao possível que não convence. (BELLODI & GONÇAVES, 2005, p. 46).

Nesse sentido, observamos o caráter humanizador da literatura, uma vez que ela possui uma autonomia de significação, pois num processo de interação com um texto literário, o leitor deixa de lado a sua realidade momentânea e começa a viver um plano fictício, onde a partir de sua imaginação, ele produz sentidos sobre si mesmo e o mundo em que vive.

A opção pelo texto básico para a reescrita do aluno ser o conto ocorreu pelo fato desse gênero se tratar de uma literatura de ficção que oportunizará ao aluno narrar uma estória inventada ou fingida, imaginada. Trabalhar com um gênero fictício é possibilitar a criação de uma imagem da realidade, uma reinterpretação da vida, pois é nas raízes da experiência humana que nasce a ficção como um produto da imaginação criadora do indivíduo. Conforme Coutinho (2008, p. 50) a ficção é “uma forma artística pela qual o escritor engloba numa estória as suas ideias e sentimentos acerca da vida”. Dessa forma, o trabalho com o conto dará grandes subsídios aos alunos para refletirem e reelaborarem estórias e reproduzirem na escrita um texto de sua própria autoria e imaginação.

Com base no que foi exposto, acreditamos que o projeto que pretendemos desenvolver na escola sobre a reescrita do conto dará uma grande contribuição no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos por se tratar de uma atividade realizada pelo professor e aluno conjuntamente e consiste na reescrita da primeira versão do texto escrito para a realização de um trabalho de reflexão interativa dialógica sobre o discurso, aspectos internos e externos e a variedade padrão da língua e, consequentemente, a escrita de uma nova versão do texto, sempre com o intuito de buscar o aperfeiçoamento da linguagem.

3. *O que vai ser investigado: problema*

Quando se trata sobre o ensino de língua materna, são muitos os desafios que precisam ser superados. Mediante a situação problema encontrada que motivou na elaboração projeto foi:

- ✓ Que estratégias buscar para que os alunos da 4ª da EJA desenvolvam suas capacidades de linguagem no domínio da produção escrita a partir da reescrita do gênero conto?

4. Pretensões da pesquisa: objetivos

Os objetivos abaixo vão servir de orientação para que a pesquisa não desvie para outros campos de estudo. São eles:

Objetivo geral:

- ✓ Criar um espaço de investigação e análise sobre o ensino de gêneros textuais no espaço escolar que possa contribuir com os educandos no desenvolvimento de suas capacidades de linguagem por meio da composição de um gênero textual.

Objetivos específicos:

- ✓ Realizar pesquisa bibliográfica sobre os gêneros textuais na abordagem sociointeracionista para o ensino da produção escrita;
- ✓ Reunir fundamentação teórica acerca da literatura;
- ✓ Descrever o gênero conto a partir da pesquisa bibliográfica;
- ✓ Usar o procedimento da sequência didática para propor atividades que contemplem o uso do gênero textual na reescrita de um conto que possibilite a produção escrita dos alunos;
- ✓ Criar, a partir do laboratório de informática da escola municipal de ensino fundamental "Rosália Correia", um blog com as produções escritas dos alunos;
- ✓ Analisar as condições de intervenção, formular e testar as proposições de solução.

5. Revisão da literatura: fundamentação teórica

O ambiente escolar precisa se tornar um espaço significativo de aprendizagem para os alunos. No caso do ensino de língua materna, é necessário pensar em estratégias que favoreçam o aprendizado dos mesmos tanto na fala quanto na escrita. Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 2000) orientam o ensino de língua materna a partir dos gêneros textuais, por compreender, com base em vários estudos linguísticos, que toda comunicação verbal se organiza por meio de textos, a qual se organiza dentro de um determinado gênero. Em virtude disso, a escola deve “viabilizar o acesso do aluno no universo dos textos que circulam

socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los” (BRASIL, 2000, p. 30)

Um dos teóricos presentes em nossa pesquisa será Bakhtin (2004), pois como autoridade macro da abordagem sociointeracionista de linguagem, em seus estudos, dar ênfase ao processo de interação verbal e ao enunciado quando concebe a linguagem numa perspectiva integrada à vida humana, ou seja, o homem, para o autor, é um ser histórico e social. Com isso sua concepção de língua é expressa da seguinte forma: “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico e abstrato das formas da língua, nem no psiquismo individual do falante”. (BAKHTIN, 2004, p. 124)

A interação verbal, segundo o autor, efetiva-se por meio de enunciados relativamente estáveis, chamados de gêneros. Aos enunciados, Bakhtin aponta duas características: a primeira diz respeito à realidade dialógica como categoria básica de sua concepção, pois para o autor toda a enunciação é um diálogo, mesmo as produções escritas num processo de comunicação ininterrupto, que são as que mais serão destacadas neste trabalho. Sobre o diálogo e enunciação, Bakhtin (2004) expressa sua reflexão:

A enunciação, compreendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade de base da língua, trate-se de um discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior. Ela é de natureza social, portanto ideológica. Ela não existe fora de um contexto social, já que cada locutor tem um “horizonte social”. Há sempre um interlocutor, ao menos potencial O locutor pensa e se exprime para um auditório social bem definido. (BAKHTIN, 2004, p. 16)

A partir da concepção dialógica de linguagem, Bakhtin (2004) reconhece a verdadeira substância da língua constituída pelo fenômeno social da interação verbal, pois os enunciados não existem de forma isolada, pelo contrário, cada enunciado pressupõe seus antecedentes e outros que o sucederão. A segunda característica é a polifonia. Com esta categoria podemos perceber que um texto não é formado apenas pela voz do escritor, mas por outras vozes, especialmente quando se trata da reescrita de um conto, pois a nova versão da obra pode vir repleta de vozes que se cruzam até chegar ao produto final que se almeja. A noção de enunciado para Bakhtin, portanto está vinculado com a ideia de voz, aplicando-se tanto à comunicação oral quanto à escrita e abrangendo questões mais amplas com a perspectiva do sujeito falante, seu horizonte conceitual, sua intenção e sua visão de mundo.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Bakhtin, dessa forma, sustenta que a constituição do sujeito ocorre por meio do contato social, uma vez que é ouvindo o discurso dos outros que o mesmo passará a se descobrir e a enxergar-se como pertencente a esse meio, mas como sendo diferente dos outros. Com isso, o autor segue seu posicionamento afirmando que a gênese da linguagem está na interação verbal e nas relações coletivas e sociais, num movimento de precedência do social sobre o individual, sempre mediado pelo signo.

Quando se trata do ensino de língua materna a partir dos gêneros textuais, Bakhtin (2003) orienta que trabalhar com palavras ou frases desconectadas de uma situação enunciativa não faz sentido ao aluno, pois precisa ficar claro para o aluno que cada enunciado corresponde às condições específicas e a finalidade de cada uma das esferas da atividade humana elaborando seus tipos relativamente estáveis de enunciados, denominados por Bakhtin de gêneros discursivos, heterogêneos, caracterizados pelo conteúdo temático, estilo verbal e construção composicional.

Além disso, na perspectiva de Bakhtin (2004, p. 95) o enunciado tem um caráter ideológico, porque ao materializar o texto, são feitas as relações entre línguas, ideologias e visões de mundo. Nesse caso, é mais significativo trabalhar um ensino que dê maior relevância à natureza e à variedade de gêneros do que trabalhar priorizando a abstração excessiva da língua. Além do mais é na alternância dos falantes por meio da interação verbal que ocorre a escolha de um determinado gênero, levando em conta as circunstâncias comunicativas, os ambientes discursivos e a posição social dos sujeitos que interagem.

A partir da abordagem bakhtiniana, adentramos agora no campo teórico do interacionismo sócio discursivo de Bronckart (2012). Trata-se de uma abordagem que considera as ações humanas em suas dimensões sociais e discursivas constitutivas a partir da ciência do humano que tem como base a interdependência entre os aspectos psicológicos, cognitivos, sociais, culturais, e também os processos evolutivos e históricos. É uma teoria que concebe a linguagem como um fenômeno social e histórico, ou seja, como uma “produção interativa associada às atividades sociais, sendo ela um instrumento por meio do qual os interactantes, institucionalmente, emitem pretensões à validade relativas às propriedades do meio em que essa atividade se desenvolve”. (BRONCKART, 2012, p. 34)

Baseado em Bakhtin (1992), portanto, Bronckart defende que os textos são produtos da atividade de linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais. E, de acordo com a necessidade, o interesse,

as questões específicas, essas formações elaboram diferentes espécies de textos que apresentam características relativamente estáveis. A essas espécies de textos produzidos, o autor denomina gêneros de textos.

Embora Bronckart se aproxime da posição bakhtiniana, há uma diferença entre ambos no que diz respeito à maneira como dedicam ao estudo da linguagem, pois enquanto Bakhtin se dedica de maneira central aos aspectos sócio-históricos e as condições de produção dos gêneros do discurso, Bronckart com ênfase maior aos gêneros na esfera da produção discursiva, dedica-se em especial a análise da materialidade discursiva, utilizando inclusive o termo gêneros textuais, visto que se interessa pela atividade de textualização.

O interesse em trazer Bronckart para o centro de nossas discussões também para contribuir com a pesquisa que pretendemos fazer é porque percebemos que sua teoria resulta na proposta de estudar a interação verbal concretizada pelo sujeito ao relacionar-se com o mundo, produzindo conhecimento sobre o mesmo. Em seus estudos, o autor toma para si o que Habermas (1987, apud Bronckart, 2012) ousou chamar de mundos representados, ou seja, dentro de um contexto em que a língua é tida como uma organização social, que através de uma construção histórica permanente estrutura-se a partir de signos, que são colocados em uso na representação de três mundos: 1) o mundo objetivo no qual há representações pertinentes sobre os parâmetros do ambiente; 2) o mundo subjetivo que representa características próprias de cada um dos indivíduos engajados na tarefa e 3) o mundo social, o qual constitui a maneira de organizar as tarefas juntos, esses mundos representam o contexto da atividade social.

Além disso, a teoria do interacionismo sócio discursivo apresenta uma proposta de ensino que espera que o professor saiba fazer previsões, antecipações, ou seja, que enxergue o contexto do aluno com isso permita-lhe situações enunciativas na sequência didática, novos cenários para aprendizagem, além de possibilitar por meio de produções de linguagem, entendidas como atividades humanas, formas de agir por meio de ações de linguagem. Com isso percebemos que o interacionismo sócio discursivo visa demonstrar que as práticas de linguagem ou textos são formas básicas para o desenvolvimento humano em relação aos conhecimentos, aos saberes, ao desenvolvimento de habilidades e competências, todos relacionados ao agir e ao fazer humano.

Quando tratamos de ensino e aprendizagem da língua materna, compreendemos que as práticas de linguagem precisam ser realizadas no interior da sala de aula considerando as suas características. Nesse sentido, contaremos também em nossa pesquisa com autores como Scheneuwly e Dolz que assim como Bronckart, consideram que os gêneros têm um papel central como objeto e instrumento de trabalho para o desenvolvimento da linguagem. Segundo os dois autores, são os gêneros textuais que articulam a atividade do aluno às práticas de linguagem, ou seja, para ambos as capacidades de linguagem são:

Aptidões requeridas do aprendiz para a produção de um gênero numa situação de interação determinada: adaptar-se as características do contexto e do referente (capacidade de ação), mobilizar modelos discursivos (capacidades discursivas) e dominar as operações psicolinguísticas e as unidades linguísticas (capacidades linguístico-discursivas). O desenvolvimento das capacidades de linguagem constitui-se sempre, parcialmente, num mecanismo de reprodução, no sentido de que modelos de práticas de linguagem estão disponíveis no ambiente social e de que os membros da sociedade que os dominam tem a possibilidade de adotar estratégias explícitas para que os aprendizes possam se apropriar deles. (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004, p. 44)

Scheneuwly e Dolz, portanto, são autores essenciais para se pensar o ensino de gênero, uma vez que criaram o procedimento de sequência didática que do modo como são propostas, são unidades de ensino na abordagem do interacionismo sócio discursivo que permitem ao professor observar as capacidades de linguagem antes e durante o processo de ensino aprendizagem, fornecendo-lhes indicações de possibilidades de execução. Em virtude disso os autores destacam a importância de os professores prestarem atenção às capacidades de linguagem do aluno, que podem ser percebidas por meio do comportamento em relação ao que eles já sabem e ao que aprendem.

É importante ressaltar que da forma como está estruturada, a sequência didática é uma proposta ética de ensino, uma vez que são dadas ao aluno condições de aprender a desenvolver suas competências linguístico-textual-discursivas por meio de várias estratégias de produção de linguagem que lhe garantem uma produção final, próxima ao desejado, ao esperado pelos objetivos e respeitando as condições de aprendizagem do aluno, sendo nesse sentido, ética na avaliação também.

Outra personalidade que contribuirá com nosso estudo é Ingedore Koch (2006, p. 17), que seguindo também a noção bakhtiniana, enfatiza que a língua ao ser concebida como processo interacional coloca o texto como o “próprio lugar de interação e os interlocutores como sujeitos ati-

vos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos”. Por isso que a construção de sentido de um texto não é algo simples que pode se dar através da decodificação de uma mensagem ou como o resultado de uma representação mental, pelo contrário, há uma grande complexidade na construção do mesmo, uma vez que além de envolver elementos linguísticos, depende também do conhecimento que o sujeito tem acumulado e do contexto histórico social no qual está inserido, pois é isso que possibilita a construção e reconstrução de sentidos, sempre mediados pelo processo de interação.

Esse pressuposto de Koch é completado por Geraldi (1997) quando sugere uma nova postura do educador, agora como mediador entre o objeto de ensino – a língua – e o sujeito que aprende - o aluno). Com isso ele enfatiza:

Considerando o aluno e cada um deles em particular como sujeito leitor e autor de seus textos, ser professor já não pode mais ser o exercício puro e simples da capatazia (ou o exercício da gerencia). É ser do aluno um interlocutor ou mediador entre o objeto de estudo (no caso o texto e a aprendizagem que se vai concretizando nas atividades de sala de aula). (GERALDI, 1997, p. 112)

Tudo isso deve ser considerado, devido ao que já foi mencionado anteriormente, ou seja, é na produção textual que o sujeito se articula com o mundo e emite seu ponto de vista, a partir de uma formação discursiva, construindo o novo, mesmo se apropriando de velhas formas e velhos conteúdos.

Considerando que o trabalho será desenvolvido a partir da reescrita do gênero conto, buscarei em Coutinho (2008) apoio teórico para falar sobre esse gênero literário que se traduz numa narrativa fictícia, uma vez que este autor parte do pressuposto de que:

A ficção é produto da imaginação criadora, embora como toda arte, suas raízes mergulhem na experiência humana. Mas o eu a distingue das outras formas de narrativa é que ela é uma transfiguração ou transmutação da realidade, feita pelo espírito do artista, este imprevisível e inesgotável laboratório. Ela coloca a massa da experiência de modo a fazer surgir um plano, que se apresenta como uma entidade, com vida própria, com um sentido intrínseco, diferentes da realidade. (COUTINHO, 2008, p. 50)

Com isso, o autor enfatiza a interpretação artística da realidade através da construção ou reelaboração de uma narrativa. O mundo nesse contexto passa a ser organizado à luz da imaginação criadora do ser. Por se tratar de uma narrativa, esse gênero apresenta uma estrutura que será organizada a partir de três perguntas que darão condições ao artista de

desenvolver sua obra de ficção. São elas: quem são as pessoas envolvidas nos fatos narrados? O que aconteceu? E onde aconteceu? Dentro de cada questionamento vão se desenvolvendo os elementos componentes da estrutura da ficção como é o caso do personagem, enredo, diálogo, tempo e lugar de ação, estilo, temática e filosofia de vida. (COUTINHO, 2008, p. 52)

Ao desenvolver esse trabalho tomando como base um gênero que apresenta toda essa dinâmica de construção de uma obra a partir da transfiguração da realidade, torna-se possível promover uma interação entre aluno e obra e com isso exercitar a prática da reflexão, da aquisição de conhecimento, da capacidade de lidar com as emoções e de penetrar nos problemas da vida, apreciando o belo e compreendendo o mundo.

Na busca por uma nova visão de literatura na antiguidade, recorreremos a Bellodi & Gonçalves (2005) e Samuel (2002) que traçam uma discussão sobre o conceito de literatura dentro da concepção aristotélica, ou seja, da teoria baseada na imitação, que segundo Samuel (2002, p. 49) se apresenta de três modos ainda hoje: a epopeia, que se traduz na narração impessoal; o drama, descrito como apresentação dramática; e no poema lírico, com a fala direta.

Com base na revisão bibliográfica dos autores supracitados, pretendemos desenvolver nosso trabalho de pesquisa ação pautado na seriedade que possa culminar em um resultado positivo no desenvolvimento das competências e habilidades de escrita de nossos educandos, publico alvo desse estudo.

6. Metodologia adotada

Para a realização da pesquisa optamos pela metodologia de uma pesquisa de natureza aplicada que tem como objetivo gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Esse sem dúvida nenhuma é um dos objetivos de nossa pesquisa, se apropriar de conhecimentos que possam subsidiar estratégias de ensino que facilite o desenvolvimento das capacidades de linguagem de nossos alunos.

Como se trata de um estudo voltado para área de ensino que envolve vários atores sociais num contexto de interação de aprendizagem, optamos por uma abordagem de pesquisa qualitativa, a qual “O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e objeto de estudo em ques-

ção, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo” (PRODA-NOV, 2013, p. 70). Além disso, é uma abordagem que considera “que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. (*Idem, ibidem*)

Faremos também uma pesquisa bibliográfica sobre a concepção sociointeracionista de linguagem e sobre as teorias literária, focalizando o gênero narrativo de ficção, o conto, para no decorrer do procedimento da pesquisa ação que pretendemos fazer, conhecer o uso dos gêneros textuais no espaço escolar para o ensino da produção escrita e desenvolver um projeto de intervenção de ensino que tenha como foco a produção textual a partir da reescrita do gênero conto dentro da respectiva abordagem.

Para Gerhardt & Silveira (2009, p. 40, *apud* FONSECA, 2002, p. 34) “a pesquisa ação pressupõe uma participação planejada do pesquisador na situação problemática a ser investigado”. Nesse tipo de pesquisa,

O investigador abandona o papel de observador em proveito de uma atitude participativa e de uma relação sujeito a sujeito com outros parceiros. (...) O pesquisador quando participa na ação traz consigo uma série de conhecimento que serão substrato para a realização da sua análise reflexiva sobre a realidade e os elementos que a integram. A reflexão sobre a prática implica em modificações no conhecimento do pesquisador. (*Idem, ibidem*, p. 35).

Com base nisso, para o projeto de intervenção pedagógica pretendemos utilizar o procedimento da sequência didática de Schnewly e Dolz (2004, p. 83) que a descrevem como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. A finalidade desse tipo de procedimento é proporcionar ao aluno o domínio sobre um determinado gênero de texto permitindo-lhe o desenvolvimento de suas capacidades de linguagem tanto na fala quanto na escrita dentro de uma situação de comunicação.

Para os respectivos autores, o que permitirá aos alunos se apropriarem da noção das técnicas e instrumentos necessários ao desenvolvimento de sua competência escrita em situações diversas de comunicação é a participação dos mesmos em contextos de produção significativos, como no caso do ambiente escolar. Nesse caso o estudo de um determinado gênero textual é essencial para o desenvolvimento da capacidade de linguagem do sujeito, ou seja, a capacidade de ação, que se refere a adaptação ao contexto de produção; as capacidades discursivas que se referem

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

a organização do texto; as capacidades linguístico-discursivas que se referem aos aspectos linguísticos envolvidos na produção do gênero.

Cumpramos ressaltar que a pesquisa ora apresentada será realizada no município de Jacundá, Sudeste paraense, em uma turma de Educação de Jovens e Adultos – EJA – da 4ª etapa da escola municipal do ensino fundamental "Rosália Correia", sendo que o produto final do projeto de intervenção será compartilhado num blog, criado pela respectiva turma. Todas as atividades aplicadas serão analisadas de forma que permita uma reflexão sobre sua relevância e viabilidade significativa ou não de contribuição e aplicação.

7. *Considerações finais*

É de consenso de todos os profissionais de língua materna que o trabalho com o ensino de linguagem precisa se tornar mais significativo para o aluno dentro do espaço escolar. Como fazer isso, é o que vamos procurar mostrar no decorrer de nossa pesquisa. Fruto da atividade final do curso de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, a pesquisa ora apresentada nesse artigo foi elaborada e ainda está em fase de execução, por isso não temos ainda resultado final. Entretanto esperamos que ela possa contribuir com o desenvolvimento das capacidades de linguagem de nossos alunos.

Sabemos que para participar, exercendo a cidadania, dentro de uma sociedade letrada como a nossa exige que os cidadãos tenham domínio sobre as mais variadas situações de uso da língua. É papel da escola como instituição formal de ensino promover isso; e a nós, educadores, cabe a busca de novas estratégias de ensino que possam facilitar aos educandos o desenvolvimento de capacidades comunicativas que os permitam participar de forma autônoma em qualquer situação de atividade interativa em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de Português – encontro & interação*, São Paulo: Parábola, 2003.

_____. *Língua, texto e ensino outra escola e possível*. São Paulo: Parábola, 2009.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes 2003.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad.: M. Lahud e Y. F. Vieira. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

BRONCKART, *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. Trad.: Anna Rachel Machado e Péricles Coimbra. 2. ed. 2 reimpr. São Paulo: Educ, 2012.

COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. Petrópolis: Vozes, 2008.

DIONÍSIO, Ângela Paula et al. *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola, 2010.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. *Vigotski e Bakhtin: psicologia e educação: um intertexto*. São Paulo: Ática, 1994.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GERHARDT, Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Org.). *Métodos de pesquisa*. Coord.: Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GONÇALVES, Maria Magaly Trindade; BELLODI, Zina C. *Teoria da literatura “revisitada”*. Petrópolis: Vozes, 2005.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

MEGALE, Heitor. *Elementos de teoria literária*. 1. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1974.

BRASIL. MEC/SEF. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SAMUEL, Rogel. *Novo manual de teorias literárias*. Petrópolis: Vozes, 2002.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.